

Atividade: *Era difícil...*

MANEJO TERAPÊUTICO DA FOBIA SOCIAL.

Maria de Jesus Dutra dos Reis
UFSCar

Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV-TR, 1995), a fobia social seria caracterizada como um medo persistente e marcante de uma ou mais situações sociais ou de desempenho, nas quais o indivíduo estaria exposto a outras pessoas; nestas situações usualmente ele teme ser alvo de escrutínio ou de avaliação por parte das mesmas, temendo mostrar-se ansioso e agir de modo embaraçador ou humilhante. Em estudos realizados nos EUA, a prevalência na população tem variado entre 2,4 e 13,3%; na Europa, estimativas variam de 1,7 a 16%. Embora não tenhamos estudos extensos da incidência deste transtorno em população clínica no Brasil, pacientes com queixa envolvendo dificuldades em falar em público, falar em telefones, expressar seu ponto de vista para alguém, entre outros, são relativamente frequentes nos atendimentos clínicos; para uma parte significativa deles, estas dificuldades representam perdas importantes nas relações de trabalho, afetivas e emocionais. Utilizando como elemento ilustrativo dois casos clínicos, o trabalho aponta reflexões sobre possíveis variáveis importantes para uma análise funcional, buscando identificar: (1) respostas frequentes a serem consideradas nestes casos; (2) antecedentes e consequentes usualmente relevantes para a manutenção das condições de fuga-esquiva; (3) contingências distintas construindo diferentes operações estabelecedoras, críticas para a intervenção em cada CASO. Examinaremos, ainda, como dependendo dos elementos estabelecidos nesta análise funcional, procedimentos têm se mostrado mais eficientes e eficazes como instrumentos de intervenção. Considerando que pessoas em geral e, particularmente, pessoas com algum tipo de função social de “autoridade”, muito frequentemente podem ser condições antecedentes funcionalmente relevantes para o repertório mantido por controle negativo nestes clientes, tentaremos, ao final, examinar como isto pode ter um papel crucial, tanto de forma positiva, quanto negativa, numa dimensão crítica da intervenção: a relação terapeuta-cliente.